

Imigração Boliviana Para São Paulo E Setor De Confeção – Em Busca De Um Paradigma Analítico Alternativo¹

*Bolivian immigration to São Paulo and Confection Sector - in Search of an
Alternative Paradigm Analytical*

Patrícia Tavares de Freitas²

Resumo: A imigração boliviana ligada ao trabalho em condições precárias no setor confecção da capital paulistana adquiriu visibilidade a partir da década de 1990 e constitui uma das tendências dos “novos fluxos migratórios” do e para o Brasil. No debate sociológico brasileiro em torno deste fenômeno, parte-se, em geral, de um diálogo com a literatura internacional sobre a emergência da “nova” informalidade no contexto contemporâneo, tendo em vista as “novas” necessidades da acumulação capitalista, que se conjugam às dinâmicas econômicas recessivas das décadas de 1970 e 1980. Nessa perspectiva analítica, os novos imigrantes seriam as principais vítimas dos efeitos perversos da globalização – que, enquanto, por um lado, acirra desigualdades regionais a nível mundial, impulsionando movimentos emigratórios de massa nos países que perderam o jogo do desenvolvimento. Por outro lado, impõe a alguns setores econômicos padrões de competitividade que passam a se sustentar a custa de processos de super exploração da força de trabalho em amplos circuitos de subcontratação. Apesar da reconhecida efetividade dessas análises, elas não nos permitem perscrutar os efeitos sócio-culturais e espaciais que tais movimentos populacionais engendram. Em outras palavras: o que essas populações que se colocam em movimento criam, em termos de arranjos e territorialidades, a partir desse movimento e das respostas coletivas diante dos constrangimentos estruturais que lhes são impostos? A comunicação proposta abordará o debate emergente na sociologia urbana francesa sobre as modalidades de inserção sócio-econômica dos “novos fluxos migratórios” tendo em vista sua dimensão dinâmica e os jogos complexos e ambíguos entre “subordinação” e “agência” que caracterizam as atividades econômicas de grupos migrantes que se põe em movimento nas franjas da globalização. Pretende-se destacar as possibilidades abertas por este arcabouço teórico, a partir, principalmente, do conceito de “território circulatório”, para o enquadramento da imigração boliviana ligada ao setor de confecção na cidade de São Paulo.

Palavras-chaves: Imigração boliviana; Setor de confecção; Sociologia urbana francesa.

Abstract: The Bolivian immigration linked to the work in precarious conditions at the sweatshops in the garment industry of São Paulo city has gained visibility in the 1990s and is one of the trends of the “new migration flows” to and from Brazil. In the Brazilian sociological debate about it, there is a dialogue with international literature on the emergence of the contemporary “new” informality due to the “new” needs of capital accumulation in a worldwide economic recession from the 1970 and 1980. In this analytical approach, the new immigrants are the main victims of the perverse effects of globalization. Because, while, on the one hand, these processes exacerbate regional inequalities worldwide, boosting mass emigration movements in countries that have lost the development game. On the other hand, they impose an increase in standards of competitiveness and the companies respond with over-exploitation of the work force in large subcontracting circuits. Despite the importance and pertinence of this approach, they don't permit ask about the socio-cultural and spatial effects due to these population movements. In other words: what these people in motion create in terms of arrangements and territories from that movement and in face of structural constraints imposed on them? The communication proposed will address the emerging debate in the French urban sociology about the patterns of socio-economic insertion of the “new migration flows”: its dynamic dimensions and complex games between “subordination” and “agency” that characterizes the economic activities of migrants who set in motion on the fringes of globalization. It is intended to highlight the possibilities opened up by this theoretical framework, based mainly on the concept of

¹ Artigo recebido em novembro de 2011 e aprovado em fevereiro de 2012.

Artigo apresentado no VII Encontro Nacional Sobre Migrações de Tema Central: Migrações, Políticas Públicas e Desigualdades Regionais, realização de 10 a 12 de Outubro de 2011, Curitiba/PR.

² Possui graduação em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH - USP) e Mestrado em Sociologia pelo IFCH - Unicamp. Doutoranda do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp) e pesquisadora do Núcleo de Estudos da População (Nepo). E-mail: tavaresdefreitas@gmail.com

“circulatory territory”, for the research of the Bolivian immigration linked to the garment industry of the São Paulo city.

Key-words: Bolivian immigration; Garment industry; French urban sociology.

Introdução

Em grande parte provenientes das regiões de terras altas do altiplano andino, o fluxo migratório de bolivianos direcionado para o trabalho informal em oficinas de costura, na cidade de São Paulo, adquiriu visibilidade, nos principais jornais da imprensa brasileira, a partir da década de 1990³ – pouco tempo depois da implementação da Lei da Anistia, em 1988, que visava regularizar os imigrantes sem documentação, no país. Esse período também marca uma inflexão quantitativa⁴ e qualitativa desse fluxo migratório para a cidade. Nesse sentido, enquanto os bolivianos que vieram em meados do século XX, em menor escala, eram, em sua maioria, estudantes e profissionais liberais, que saíam da Bolívia por motivos políticos, para ascender profissionalmente ou adquirir alguma formação específica, sendo significativa também a emigração de mulheres para trabalhar em casas de família, como babás e empregadas domésticas (SILVA, 2006; CEPAL/CELADE/OIM, 1999). A partir da década de 1990, esses fluxos passaram a ser compostos, principalmente, por jovens com baixas qualificações e, em geral, ex-trabalhadores das minas e fábricas bolivianas. E apesar de verificar-se uma inserção relativamente variada desses imigrantes – em atividades artesanais e/ou industriais, no comércio e em trabalhos domésticos – adquire proeminência, justamente, sua entrada concentrada no setor de confecção, em pequenas oficinas espalhadas pela cidade de São Paulo (AZEVEDO, 2005; BASSEGIO, 2004; BUECHLER, 2003; CYMBALISTA & XAVIER, 2007, FERRETI, 2002, SILVA, 1997 e 2006 e KADUBLA, 2007).

Esses novos estratos da população boliviana que começaram a migrar para São Paulo na década de 1990 são os que mais sofreram com o êxodo rural e desemprego urbano que atingiram a Bolívia a partir de meados da década de 1980, devido a uma forte recessão econômica e desastres naturais provocados pelo “El Niño”⁵ (SILVA, 1997 e 2006). Essas circunstâncias dinamizaram movimentos migratórios internos, levando a uma taxa de migração interna anual, entre 1987 e 1992, de mais de 100 mil bolivianos por ano, em uma população que, naquele período, era de seis milhões e

³ Conforme foi possível verificar a partir de pesquisa realizada no Centro de Estudos Migratórios (Cem) em seu acervo de notícias de jornal sobre os fluxos migratórios para o Brasil, entre 1989 e 2007. Ver pesquisa em minha dissertação de mestrado: FREITAS, 2009.

⁴ Apesar da dificuldade para precisar o número de imigrantes, considerando que são indocumentados, percebe-se um importante aumento no fluxo. Por exemplo, pelos dados do censo, citados em Kadluba, 2007: em 1980, foram registrados 3213 bolivianos, em 1991, 4525 bolivianos e em 2000, 7722 bolivianos. Uma outra forma de verificar este aumento expressivo, de acordo com Cymbalista e Xavier (2007), seria através dos registros da Polícia Federal que, em 1995, registrava 255 bolivianos e, em 1999, 17897 bolivianos

⁵ Enquanto, por um lado, o “El Niño”, que atingiu a Bolívia em 1982 e 1983, levou a secas importantes na região do altiplano, com perdas nos setores agrícolas e pecuários que chegaram a 80% da produção, afetando, principalmente, os departamentos de Potossi, Oruro, Cochabamba e Chuquiassca, nos quais se concentrava, na época, de acordo com Pereira (2004), em média, 74% da população boliviana. A crise econômica boliviana, por outro lado, atingiu sua atividade industrial e mineira levando a políticas de “re-localização” no âmbito da Nova Política Econômica (NEP), implementada em 1985, que, de acordo com Pereira, citando dados da COB (Central Obrera Boliviana), somaram em torno de 120 mil demissões para 1988 e 150 mil, para 1996, em troca de um auxílio mínimo do governo.

meio de habitantes⁶. E, em relação às migrações internacionais, percebe-se, nesse período, um importante adensamento e diversificação dos fluxos que, apesar de continuarem se dirigindo para a Argentina (principal destino dos emigrantes bolivianos desde o século XIX) e Brasil, se dirigiram também, intensamente, para o Peru e a Venezuela, na América Latina, para os Estados Unidos, países da União Européia – principalmente, Itália e Espanha – e também Israel, Japão e Austrália. E estima-se que, atualmente, em torno de 20% da população boliviana viva fora de seu país (CEPAL/CELADE/OIM, 1999).

No debate acadêmico brasileiro, essa imigração boliviana para a cidade de São Paulo, a partir da década de 1990, passa a ser considerada fenômeno representativo das novas tendências migratórias, do e para o Brasil, que passam a animar as discussões em torno do que a literatura internacional denominou “novos fluxos migratórios” (ASSIS & SASSAKI, 2001: 616)⁷. E no caso das pesquisas sociológicas⁸ sobre as ligações entre esses fluxos migratórios de bolivianos e sua inserção no trabalho mal remunerado e em condições precárias em oficinas de costura informais na cidade de São Paulo, parte-se, em geral, de um diálogo com a literatura internacional sobre a emergência da “nova” informalidade no contexto contemporâneo, tendo em vista as “novas” necessidades da acumulação capitalista, que se conjugam aos contextos econômicos recessivos das décadas de 1970 e 1980 (AZEVEDO, 2005; BUECHLER, 2003; FREIRE, 2008; FREITAS, 2009).

Nessa perspectiva analítica, os imigrantes seriam as principais vítimas dos efeitos perversos da globalização – que, enquanto, por um lado, acirra desigualdades regionais a nível mundial, impulsionando movimentos migratórios de massa nos países que perderam o jogo do desenvolvimento. Por outro lado, impõe a alguns setores econômicos como, por exemplo, o setor de confecção, padrões de competitividade que passam a se sustentar a custa de processos de super exploração da força de trabalho em amplos circuitos de subcontratação⁹.

⁶ “[...] ou seja, mais de 100 mil bolivianos por ano que abandonaram terras, famílias, bens adquiridos, parentes, costumes, cultura e identidade” (PEREIRA, 2004:89, tradução própria).

⁷ Note-se que apesar do Brasil ter sido um importante receptor de fluxos migratórios internacionais ao longo do século XIX e meados do século XX, essa tendência começa a ser revertida a partir da década de 1930 e, no anos 1980, era comum considerar a população brasileira como uma população fechada, em que não se percebia nem a entrada e nem a saída significativa de pessoas para fora do país. As outras tendências identificadas e analisadas nesses estudos sobre os novos fluxos migratórios internacionais no contexto brasileiro seriam: a de emigração de estratos médios urbanos, para os grandes centros urbanos, dos Estados Unidos, Europa e Japão; as migrações fronteiriças na região norte do país, vinculadas à questão indígena, ao garimpo e o tráfico de drogas; as migrações fronteiriças entre os países do cone sul, vinculadas às questões da terra e produção agrícola e em menor número a imigração de refugiados políticos africanos. Ver ainda: SALES & SALLES, 2002 e PATARRA & BAENINGER, 1996.

⁸ O primeiro grande estudo sobre a imigração boliviana ligada ao setor de confecção na cidade de São Paulo é de um antropólogo, Sidney Silva (1997). E constitui-se em importante referência para os estudos posteriores, principalmente, pela significativa quantidade de informações compiladas. Entretanto, as questões teóricas abordadas em seu trabalho sobre a manutenção e/ou reinvenção da cultura boliviana no contexto urbano paulistano não tiveram muita ressonância nas investigações posteriores sobre este estrato específico de costureiros bolivianos.

⁹ De acordo com Portes e Sassen-Koob (1987), o desaquecimento das economias “centrais” e “periféricas” teria levado a adoção, em ambos os casos, de estratégias de exportação para a obtenção de divisas e aceleração da produção interna. E, no entrecruzamento dessas estratégias de superação da crise, se constituiria a “nova” informalidade, especialmente ligada ao trabalho de imigrantes clandestinos, tanto nas economias “centrais” quanto nas “periféricas”: “Então, o processo de informalização é reforçado no Terceiro Mundo pelos esforços dos produtores e países para interromper a estagnação econômica a partir de uma estratégia orientada para a exportação; mas, esta estratégia promove como resultado, a reprodução de arranjos de trabalhos similares no mundo

Apesar da reconhecida efetividade de tal perspectiva analítica para a compreensão das origens dos movimentos populacionais contemporâneos e da inserção em determinados setores econômicos nas sociedades de destino, elas não nos permitem perscrutar os efeitos sócio-culturais e espaciais que tais movimentos populacionais engendram. Em outras palavras: o que essas populações que se colocam em movimento criam, em termos de arranjos e territorialidades, a partir desse movimento e das respostas coletivas diante dos constrangimentos estruturais que lhes são impostos?

Estas questões nos remetem a outro debate que se constitui no início do século XX, no interior da disciplina sociológica, fundador de uma das mais tradicionais vertentes da sociologia urbana contemporânea, a Escola de Chicago, sobre a inserção, ou ainda os percursos de integração, de grupos de imigrantes no contexto urbano. Contemporaneamente, quase um século depois do início de tais investigações e tendo em vista as especificidades dos denominados “novos fluxos migratórios”, emerge na sociologia urbana francesa um diálogo crítico que pode, conforme pretendemos argumentar neste artigo, nos fornecer ferramentas analíticas profícuas para o enquadramento da imigração boliviana ligada ao setor de confecção na cidade de São Paulo: na medida em que possibilita destacar sua dimensão dinâmica e os jogos complexos e ambíguos entre “subordinação” e “agência” que caracterizam as atividades econômicas de grupos migrantes que se põe em movimento nas franjas da globalização.

Com o intuito de desenvolver este argumento, o artigo será dividido em três partes: primeiramente, apresentaremos, com mais detalhes, algumas características da forma como a imigração boliviana ligada ao setor de confecção se apresenta no contexto urbano paulistano. Posteriormente, abordaremos o diálogo contemporâneo que alguns sociólogos franceses estabelecem com a Escola de Chicago em relação às formas de inserção e circulação dos grupos imigrantes nos contextos urbanos de destino. E, finalizaremos, com considerações sobre a efetividade e viabilidade de utilização de tal perspectiva analítica para a abordagem da imigração boliviana ligada ao setor de confecção na cidade de São Paulo.

2 Migração e Trabalho – a imigração boliviana por entre oficinas de costura na cidade de São Paulo

Todos os domingos, a Praça Padre Bento, em frente à imponente Igreja Santo Antônio do Pari, em São Paulo, se transforma no cenário de uma insólita atividade, uma evocação moderna dos mercados de escravos que funcionaram na cidade dos barões do café até o século passado. Dezenas de imigrantes sul-americanos oferecem-se como força-de-trabalho para os coreanos que mantêm oficinas de costura na cidade. As condições de trabalho pouco variam: jornada de 16 horas diárias e um cativo que só pára da tarde de sábado à noite de domingo. (...) A partir das 18h, os primeiros imigrantes – na maioria bolivianos em situação irregular no país – chegam à praça e vão se agrupando nos bancos sob as árvores e nos bares das redondezas. Por volta das 21h, o mercado informal estabelecido na Praça Padre Bento já concentra cerca de 100 clandestinos. É nesse

desenvolvido na medida em que as indústrias afetadas lutam para sobreviver. Simultaneamente, as várias circunstâncias da crise econômica e os vários esforços para lidar com ela, criaram uma abundante reserva de força-de-trabalho que, posteriormente, encoraja e facilita a informalização” (PORTES & SASSEN-KOOB, 1987:55, tradução própria)

momento que os primeiros donos das oficinas chegam e transformam a praça numa bolsa de ofertas, misturando palavras em português, espanhol e coreano (O GLOBO, 13 dez. 1992).

Nos momentos iniciais do debate público sobre este fluxo migratório de bolivianos para a cidade de São Paulo, na década de 1990, a paisagem em foco no espaço urbano era a Praça Padre Bento, no bairro do Pari – tradicionalmente acolhedor de imigrantes de diversas nacionalidades que se dirigiram para a cidade desde fins do século XIX¹⁰. Nessa Praça, aos domingos à noite, começava a ser possível entrever os vestígios de um mercado de trabalho paralelo, de subcontratação, entre donos de oficinas e lojistas da comunidade coreana e os trabalhadores bolivianos¹¹.

Durante toda a primeira metade da década de 1990, o debate público sobre o assunto se concentrou na relação entre os lojistas e donos de oficinas coreanos e os trabalhadores bolivianos. Vinculação assumida, inclusive, pelos próprios representantes da comunidade coreana em suas tentativas de resposta às inúmeras denúncias em pauta naquele momento¹². Essa forma de organização da produção dos imigrantes coreanos – a partir do trabalho informal de imigrantes bolivianos, sem documentação, em pequenas oficinas de costura irregulares – conformava prática generalizada e bem sucedida para a diminuição dos custos de produção, em um ambiente recessivo para o setor de confecção como um todo, entre fins da década de 1980 e início dos anos de 1990.

Entretanto, a partir da segunda metade da década de 1990, percebe-se uma inflexão na abordagem dessa temática pela imprensa local: a ligação entre coreanos e bolivianos começa a se dissipar. E, enquanto, por um lado, a comunidade coreana adquire destaque e reconhecimento social devido ao sucesso comercial alcançado nos bairros do Brás e do Bom Retiro¹³. Por outro lado, os imigrantes bolivianos, passam a aparecer também como “exploradores” do trabalho de seus compatriotas. E além da questão da subcontratação, começa-se a evidenciar suas condições de trabalho, com o aumento da visibilidade do espaço interno das oficinas de costura¹⁴. Essas mudanças

¹⁰“Localizado na convergência dos dois rios historicamente mais importantes de São Paulo, o Tietê e o Tamanduateí, o Pari é o ponto de convergência entre a zona leste, a zona norte e o centro. Foi também, ao longo do século XX, foco de convergência dos vários povos que imigraram para São Paulo. Primeiro, os alemães – fundadores do Clube dos Alemães, mais tarde a Associação Portuguesa de Desportos – depois os italianos e portugueses, seguidos pelos sírios e libaneses. Há cerca de 40 anos chegaram os nordestinos, e há 20 os coreanos. De cinco anos para cá vieram os bolivianos” (COSTA, 2001, s/pág.).

¹¹ Sobre as ligações entre a imigração boliviana e a imigração coreana para São Paulo, ver: FREITAS & BAENINGER, 2010.

¹² “O vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria Coreana no Brasil, Tomás Choi, reconhece que foram os coreanos, donos de confecções, os primeiros a empregar os imigrantes bolivianos de forma ilegal. (...) O Consulado da Coreia, em São Paulo, de acordo com as informações do administrador Willian Taik, também assume que os coreanos exerceram por um bom tempo a função de empregadores de imigrantes bolivianos” (O Estado de São Paulo, domingo, 20 de julho de 1997, “Emprego ilegal teve início com colônia coreana”).

¹³ Em 2006, de acordo com os dados da Associação de lojistas do Brás (Alobrás) e da Câmara dos Dirigentes Lojistas do Bom Retiro (CDL), esses bairros, onde se concentra o comércio coreano de roupas, seriam responsáveis por 40% do faturamento do Estado de São Paulo no setor, gerando um montante anual em torno de 3,9 bilhões de dólares. CF. site da CDL: <http://www.cdlobomretiro.org.br/06/> [último acesso março de 2009].

¹⁴ Conforme se depreende das inúmeras matérias veiculadas pela mídia, as oficinas de costura fotografadas encontravam-se fora dos padrões de higiene e segurança mínimo definidos pela legislação brasileira, pois além da atividade de costura, serviam enquanto dormitório e refeitório dos trabalhadores e seus filhos e localizavam-se, em geral, em lugares pouco iluminados e pouco ventilados, não sendo difícil flagrar instalações elétricas clandestinas para o funcionamento das

refletem uma estratégia de transferência do recrutamento de força de trabalho e do controle das oficinas de costura para a comunidade boliviana, na medida em que a comunidade coreana ligada ao setor de confeccção passava para a formalidade e se consolidava comercialmente (FREITAS, 2009, SILVA, 1998)¹⁵.

Nesse momento, os bolivianos deixam de ser apenas força de trabalho recrutada para se transformarem também em pequenos empreendedores, donos das oficinas de costura e recrutadores da força de trabalho – um recrutamento que inicia, muitas vezes, na Bolívia. A partir de então, nos deparamos com a formação de um sistema cada vez mais complexo e heterogêneo no interior da comunidade boliviana inserida na cidade de São Paulo, cujo dinamismo se reflete, por exemplo, nas possibilidades de mobilidade social inscritas na passagem, plausível em médio prazo, da atividade de costureiro para a de “oficinista” (dono de oficina de costura) (SILVA, 1998)¹⁶. E no fato de que em torno da atividade dessas oficinas no setor de confeccção e, na medida em que a comunidade boliviana se consolida na cidade, emergem outros tipos de pequenos empreendimentos de bolivianos: i) os estabelecimentos comerciais (em sua maioria, restaurantes, pequenos mercados/armazéns e cabeleireiros) e pontos de venda ambulante (para a comercialização de produtos típicos, comida, CDs, Dvds, cartões telefônicos etc); ii) o investimento em serviços de telefonia e transporte próprios (oficiais e clandestinos) para conectar os bolivianos e, atualmente, cada vez mais, outros imigrantes hispano-americanos aos seus lugares de origem; iii) a formação de rádios piratas que transmitem programas em espanhol e em aymará com informações sobre serviços – de saúde, educação e lazer – e questões relativas ao trabalho nas oficinas de costura e, iv) a consolidação de alguns lugares de referência da comunidade boliviana na cidade de São Paulo, como, por exemplo, a rua Coimbra, no Bresser e a Praça Kantuta, no Canindé¹⁷.

máquinas de costura. Concomitante a essas condições precárias de instalação, destacam-se também, nas notícias dos jornais, os intensos regimes de trabalho, com jornadas diárias de 15 horas ou mais, para o recebimento de remunerações inferiores às praticadas no mercado e, muitas vezes, pagas em espécie e não em moeda. Além de denúncias de situações de confinamento para o trabalho forçado.

¹⁵ Nesse período também iniciam as denúncias sobre a existência de vínculos entre as oficinas bolivianas e grandes redes nacionais e multinacionais de comercialização de roupas. Entretanto, note-se que a vinculação das oficinas bolivianas ao comércio coreano ainda permanece muito forte, conforme foi possível perceber em trabalho de campo e outros estudos (AZEVEDO, 2005; BUECHLER, 2003; FERRETI, 2002; FREIRE, 2008; GALETTI, 1995; KADLUBA, 2007, SILVA, 1997 e 2006).

¹⁶ E, atualmente, estamos diante de mais uma mudança na configuração da atuação da população boliviana no interior do setor de confeccção na cidade de São Paulo: conforme foi possível perceber a partir do trabalho de campo realizado ao longo do ano de 2010, alguns donos de oficinas de costura bolivianos discutem a possibilidade de estabelecimento de circuitos próprios de comercialização de sua produção e de concepção das peças a serem produzidas.

¹⁷ Enquanto, por um lado, a feira de domingo na Praça Kantuta se estabeleceu a partir uma reivindicação da comunidade boliviana junto à prefeitura municipal da cidade e trata-se de um espaço de comércio não permanente (só funciona aos domingos). Por outro lado, a Rua Coimbra teve uma história muito mais informal de inserção da comunidade boliviana – tratava-se, conforme foi possível verificar a partir de trabalho de campo, de uma rua em que se concentravam muitas oficinas de costura coreanas e bolivianas e, ao longo da década de 1990, começou a receber um comércio e salões de cabeleireiro bolivianos para atender os costureiros, além de uma central telefônica cujos donos são bolivianos. E aos finais de semana, passou a se consolidar como ponto de encontro da comunidade, recebendo comércio ambulante. Atualmente, destaca-se a existência de um posto do consulado boliviano e de uma empresa que é especializada em formalizar a situação de bolivianos e suas oficinas de acordo com os parâmetros legais vigentes no Brasil.

Atualmente, além da comunidade boliviana, percebe-se a entrada de paraguaios e peruanos¹⁸, no trabalho nas oficinas de costura na cidade de São Paulo – em oficinas próprias ou nas oficinas de bolivianos e/ou coreanos¹⁹. A entrada desses grupos, não apenas nas oficinas de costura, mas também em espaços de circulação da comunidade boliviana nos bairros do Brás, Canindé e Pari – principalmente na Rua Coimbra²⁰ e na Avenida Carlos de Campos – tem gerado uma série de conflitos e tensões que se refletem, entre outras coisas, no aumento significativo de casos de violência entre esses grupos registrados pela polícia²¹.

Dessa forma, ao invés do clássico e esperado percurso da integração e assimilação dessa força de trabalho boliviana ao mercado de trabalho local e às estruturas sociais e econômicas da sociedade de destino percebe-se, por um lado, a formação de espaços e dinâmicas próprios a partir de uma relação mediada (e não direta) com as estruturas institucionais e laborais da sociedade de destino e em torno da manutenção de relações e vínculos, materiais e/ou simbólicos, com as sociedades de origem. E, por outro lado, a entrada de outros grupos de imigrantes (peruanos e paraguaios), em circunstâncias semelhantes na cidade de São Paulo, no interior desses espaços e dinâmicas, inicialmente constituídos pela comunidade boliviana. Ao partirmos do fato da manutenção da diferença ou ainda de outras formas de integração (entre os diversos grupos e os autóctones) com a constituição de novas dinâmicas nos espaços urbanos de destino – emerge a questão dos arranjos, diálogos, rituais, espacialidades ou ainda a(s) sociabilidade(s) tecida(s) por esses novos personagens no contexto urbano e por entre suas fronteiras internas e externas em torno das atividades das oficinas de costura.

3. Do gueto ao território circulatório – um debate sobre as formas alternativas de inserção das comunidades imigrantes nas sociedades de destino

Nossas grandes cidades se transformam, após análise, em um mosaico de populações segregadas – diferenciando-se por raça, cultura, ou simplesmente por culto – cada uma buscando preservar suas formas culturais peculiares e manter suas concepções individuais e únicas da vida.

¹⁸ Conforme foi possível verificar em trabalho de campo realizado ao longo de 2010. De maneira geral, note-se que os fluxos migratórios de paraguaios e peruanos para o Brasil também tem aumentado significativamente nesse período. De acordo com Sala (2005), a partir dos dados dos Censos Demográficos do IBGE de 1990 e 2000, enquanto a taxa de crescimento médio anual entre 1991-2000 da população boliviana no país foi de 29,5%, a taxa de crescimento da população paraguaia foi de 47,3% e a taxa de crescimento da população peruana foi de 71%.

¹⁹ Note-se que apesar de ter havido uma sensível diminuição da participação coreana no negócio das oficinas de costura e recrutamento de força de trabalho, ao longo do trabalho de campo encontramos casos de bolivianos que disseram trabalhar em oficinas de coreanos.

²⁰ A Rua Coimbra é considerada, atualmente, pela polícia militar um dos locais de maior foco das tensões entre bolivianos, paraguaios e peruanos, tendo sido registrados formal e informalmente, no primeiro semestre de 2011, 12 casos de brigas e 4 mortes.

²¹ De janeiro a julho de 2001, a Polícia Militar atendeu 71 ocorrências de casos de brigas e um assassinato entre bolivianos, paraguaios e peruanos – na maioria dos casos tratava-se de costureiros. Entretanto, estima-se que o número seja bem maior, pois na imensa maioria dos casos a polícia não é chamada. Em geral, mas existem exceções, os paraguaios são os que mais agredem e os bolivianos são o grupo mais atingido. Além da existência de conflitos entre membros da mesma comunidade. Ver reportagem completa sobre o assunto em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/promotoria-apura-rixa-entre-peruanos-bolivianos-e-paraguaios-em-sp.html> [último acesso em 18/08/2011].

Cada um desses grupos segregados busca inevitavelmente, a fim de manter a integridade da vida de seu próprio grupo, impor a seus membros alguma forma de isolamento moral. Na medida em que a segregação se torna um meio para esse fim, cada povo e cada grupo cultural está apto a criar e manter seu próprio gueto. Nesse sentido, o gueto se transforma no símbolo material desta forma de isolamento moral que os “assimilacionistas”, como são chamados, buscam romper (PARK, R in WIRTH, 1964:vii, tradução própria).

Encontramos preferencialmente indivíduos capazes de serem daqui e de lá ao mesmo tempo, diferentemente das descrições de Park, capazes de entrar momentaneamente ou duravelmente em universos de normas que lhe são estrangeiras sem, por isso, deixar as suas próprias. Nós nos aproximamos de uma sociologia ou antropologia das viagens, das entradas e saídas, dos cruzamentos, que assinalam a aparição de outras sociabilidades, diferentes daquelas sugeridas pelas problemáticas das lentas e longas inserções (TARRIUS, 2005:30, tradução própria).

O debate sociológico em torno da inserção de grupos de imigrantes nas grandes cidades, tendo em vista suas dimensões sócio-culturais e espaciais, inicia, formalmente, entre fins do século XIX e meados do século XX, no contexto norte-americano, no bojo dos estudos urbanos inaugurados pela Escola de Chicago²². Naquele momento de intenso crescimento da economia norte-americana e recebimento de importantes fluxos migratórios internacionais²³, Chicago representava, conforme destaca Hannerz (1980:20), um dos seus mais pujantes e desenvolvidos centros urbanos, além de ser a principal via de passagem para a conquista do oeste norte-americano e destino de muitos dos fluxos migratórios provenientes da Europa – constituindo-se, portanto, numa espécie de “laboratório” ideal para visualizar os processos sociais em curso nesse novo contexto social²⁴.

A cidade – caracterizada em oposição ao campo, a partir de seus atributos de tamanho, densidade e heterogeneidade²⁵ – emerge como o lugar da tensão entre a proximidade física e a distância moral, que levaria à generalização dos contatos secundários²⁶, configurando uma experiência superficial, anônima e efêmera concomitante a uma espécie de racionalização das relações sociais como um todo.

²² Conforme destaca Coulon (1995:8), em livro sobre a Escola de Chicago.

²³ “Entre 1820 e 1940, aproximadamente quatro milhões de pessoas entraram nos Estados Unidos. E nas quatro décadas desde o início da Segunda Guerra Mundial, chegaram cerca de 15 milhões” (MORAWASKA, 1990: 187, tradução própria).

²⁴ Conforme destacam Yves Grafmeyer e Isaac Joseph (2009:7) na introdução de uma coletânea de ensaios da Escola de Chicago traduzidos para a língua francesa, a idéia da “cidade como laboratório”, corrente no meio acadêmico no início dos estudos urbanos da Escola de Chicago, era cara a esses pesquisadores, principalmente, para Robert Park, um de seus principais expoentes.

²⁵ De acordo com um ensaio clássico de Louis Wirth escrito em 1938, “Urbanism as a way of life”, consultado na coletânea de Yves Grafmeyer e Isaac Joseph (2009) – “A partir de uma perspectiva sociológica, a cidade pode ser definida como um estabelecimento relativamente importante, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos” (WIRTH, 2009:262, tradução própria).

²⁶ “Os cidadãos se encontram em papéis fortemente segmentados. Eles dependem certamente de mais pessoas do que os que vivem na zona rural para satisfazer suas necessidades vitais e são, portanto, associados a mais grupos organizados, mas são menos dependentes de pessoas particulares e sua dependência em relação aos outros é limitada a um aspecto muito compartimentado do sistema de atividades dos outros. É isto essencialmente o que significa dizer que a cidade é caracterizada por contatos secundários ao invés de primários. Os contatos na cidade podem efetivamente ser face-a-face, mas eles são, não obstante, superficiais, efêmeros e segmentados. A reserva, a indiferença e a atitude blasé que os cidadãos manifestam podem, portanto, ser consideradas como dispositivos de imunização contra as reivindicações pessoais e as expectativas da parte dos outros” (WIRTH, 2009:267, tradução própria).

Entretanto, como contra-tendência se conformariam, no mundo urbano, espaços segregados, baseados no recrudescimento dos contatos primários, como expressão dos antagonismos raciais e interesses de classe. Como, por exemplo, no caso das comunidades de imigrantes, os guetos, ou ainda, nas áreas de segregação, os bairros industriais e os enclaves residenciais.

No meio urbano, a vizinhança tende a perder uma grande parte da significação que ela tinha nas formações sociais mais simples e mais primitivas. A maior acessibilidade aos meios de transporte e de comunicação permite aos indivíduos repartir sua atenção e sua vida, ao mesmo tempo, em uma multiplicidade de mundos diferentes, tendendo a destruir a permanência e a intimidade da vizinhança. Contudo, o isolamento das colônias de imigrantes e das colônias raciais nos guetos e nas áreas de segregação tende a preservar a intimidade e a solidariedade dos grupos locais e dos grupos de vizinhança. Lá onde os indivíduos da mesma raça e da mesma profissão vivem juntos no interior dos grupos segregados o sentimento de pertencimento à vizinhança tende a se fundir com os antagonismos raciais e interesses de classe. As distâncias espaciais e afetivas se reforçam mutuamente e os efeitos da repartição local da população se combinam com os efeitos de classe e de raça na evolução da organização social. Toda a grande cidade tem suas colônias raciais (...). Toda grande cidade tem seus bairros industriais (...), seus enclaves residenciais (...) cada um deles com o tamanho e o aspecto de uma aldeia ou pequena cidade ou mesmo de uma grande cidade, inteiramente distintos, já que sua população é resultado de um processo de seleção (PARK., 2009:92-93, tradução própria)²⁷.

Nessa perspectiva, o gueto seria, portanto, uma área de segregação, ou isolamento, de comunidades de imigrantes específicas no interior da cidade – uma contra-tendência em relação à tendência geral de racionalização das relações sociais e distanciamento moral. E essa formação faria parte de um momento inicial de inserção precária desses grupos no ambiente urbano. Pois, na medida em que se familiarizassem com os códigos culturais dessas novas sociedades, os imigrantes passariam a se inserir em suas estruturas laborais e sócio-culturais pré-existentes. Ou ainda, nos termos da “hipótese ecológica”, denominada por Park como “ciclo das relações raciais”, em seu estudo clássico, “Race and Culture”, a esse estágio inicial se sucederiam, ao longo do tempo, o “contato”, a “competição”, a “acomodação” e, finalmente, no caso dos ciclos bem sucedidos, a “assimilação” – entendida como “um processo de interpenetração e fusão no qual as pessoas e os grupos adquirem as memórias, sentimentos e atitudes das outras pessoas e grupos e através da partilha de sua experiência e história são incorporadas com eles em uma vida cultural comum” (Park, R & Burgess, W *apud* Alba, R & Nee, V., 1997: 828, tradução própria).

O debate contemporâneo em torno dos denominados “novos fluxos migratórios” coloca em questão, em linhas gerais, tanto as possibilidades de existência de tais processos de assimilação, quanto a necessidade de tal assimilação para o estabelecimento de uma inserção considerada bem sucedida nas sociedades de destino. Nesse sentido, ao invés da perspectiva da assimilação, as pesquisas contemporâneas destacam a manutenção, para além da primeira geração de imigrantes, de formas de organização, social e simbólica, diferenciadas e que expressam o pertencimento aos países de origem. Os “novos fluxos migratórios”

²⁷ Trecho traduzido da coletânea organizada por Grafmeyer e Joseph, do ensaio de Robert Ezra Park, “The city: suggestions for the investigation of human behavior in the urban environment” publicado no livro “The City”, de Park, Burgess e Mackenzie, em 1925.

também se caracterizariam por apresentar uma inserção muito mais fluída em termos econômicos: ao invés de se inserirem nos mercados de trabalho locais já constituídos, os novos migrantes passaram a explorar alternativas relativamente autônomas de inserção econômica – com a formação, em alguns casos, de verdadeiros mercados de trabalho paralelos, em que o pertencimento étnico passa a ser um dos principais atributos de entrada nessas atividades econômicas (ARANGO, 2000, ASSIS & SASAKI, 2001; ALBA & NEE, 1997; GREEN, 1999, GLICK-SCHILLER, BASCH, SZANTON-BLANC, 1992, KLOSTERMAN & RATH, 1999. MORAWSKA, 1990, MOROKAVASIC – MULLER, 1999, PORTES, 1995 e 1999, POTOT, 2003 e TARRIUS, 2002)²⁸.

Tendo em vista a abrangência e multiplicidade de perspectivas envolvidas nestas discussões, interessa destacar, para os objetivos deste artigo, o debate europeu que se constitui a partir da década de 1990, em torno, inicialmente, dos seguintes fenômenos empíricos, conforme destaca Morokavasic-Muller (1999): as migrações comerciais a partir da região do Maghreb, as diásporas asiáticas e seus “enclaves comerciais” e as migrações pendulares (comerciais e para o trabalho em empresas locais) entre a Europa oriental e ocidental (visíveis depois da queda do muro de Berlim) (AUTANT – DORIER, 2009; CORTES & FARET, 2009; MA MUNG, 1992, 1996, 1999, 2009; MOROKAVASIC– MULLER, 1990, 1999, POTOT, 2003; SIMON, 2006; TARRIUS, 1993, 2002, 2005, 2009).

Estas análises propõem uma ligação mais estreita entre a atividade migratória (e, conseqüentemente, os vínculos mantidos com as sociedades de origem e de passagem) e a inserção econômica e sócio-cultural desses migrantes, extrapolando, portanto, o contexto urbano das sociedades de destino. Neste debate, parte-se do diagnóstico da emergência de uma forma migratória original no contexto contemporâneo, em torno dos pequenos empreendimentos produtivos/comerciais das comunidades migrantes e que interferiria de maneira decisiva em suas formas de inserção nas sociedades de destino. E o conjunto formado por esses pequenos empreendimentos comerciais/produtivos de migrantes constituiria uma articulação, mesmo que inconsciente, conformadora de novas territorialidades e mundos próprios a essas comunidades migrantes nas sociedades de destino e por entre origem e destinos.

(...) uma forma migratória original se desenvolverá a partir de iniciativas econômicas determinadas de pequenos migrantes, as formigas, particularmente aptas a circular (saber circular) internacionalmente. Esta forma não anula aquela mais clássica e dominante da mobilização da força de trabalho, mas ela produz mudanças suficientes no estatuto residencial, nas práticas de mobilidade, em relação aos caminhos da integração (...) devemos considerá-las, de agora em diante, como objeto de pesquisa com o intuito de compreender a originalidade da articulação entre esses dois modos migratórios e os novos sentidos da presença estrangeira que assim se exprimem (TARRIUS, 2005:26, tradução própria).

²⁸ Note-se que o paradigma da assimilação foi extremamente influente no debate norte-americano e europeu durante praticamente toda a primeira metade do século XX. Entretanto, conforme sumariza Potot: “Os autores constatarem, com efeito, que, comparado a um modelo nacional hegemônico, os imigrantes de hoje não podem – ou não querem – se inserir completamente nas sociedades de acolhimento e consumir a ruptura com as sociedades de origem (...) A instalação dos imigrantes se realiza portanto menos satisfatoriamente, ela é menos possível e menos desejável. Isso favorece a manutenção dos laços com a sociedade de origem onde o êxito social e a vinculação política constituem um reconhecimento social que faz falta nos países de instalação” (POTOT, 2003:21, tradução própria).

Nesse sentido, diferentemente de denominações como “gueto” ou “enclave étnico”²⁹ (emergente contemporaneamente no debate norte-americano) para fazer referência às configurações sociais e econômicas estabelecidas pelos fluxos migratórios, os autores citados acima propõem: “território circulatório”, “mundo migratório”, “campo migratório” etc – indicando, dessa forma, de maneiras diferentes, as relações entre a atividade migratória/circulatória desses novos migrantes e sua capacidade de estabelecer configurações sócio-econômicas relativamente autônomas.

A idéia geral subjacente a esses conceitos – tendo em vista a perspectiva radical de Alain Tarrius – é a de que as mobilidades das comunidades migrantes conformariam variáveis independentes, ou seja, variáveis explicativas dos fenômenos econômicos observados – e, por isso, não devem ser apenas descritas, mas é preciso atentar também para as territorialidades e arranjos que constituem³⁰.

Para Ma Mung, essas novas configurações – constituídas pela articulação, mesmo que inconsciente, entre os vários pequenos empreendimentos de uma comunidade migrante específica – são entendidas enquanto “parte das estratégias de reprodução dos indivíduos organizados em grupos étnicos” (MA MUNG, 1999:192, tradução própria), instituidoras dos “mundos migratórios” das comunidades migrantes em foco. De acordo com o autor, expressariam, portanto, uma ação coletiva autônoma: que conjuga a ação econômica à dimensão identitária³¹, fazendo parte – conjuntamente com as ações desenvolvidas em outros âmbitos da vida social – do jogo da “negociação de identidades”³². As “negociações de identidades” colocariam, frente a frente, indivíduos de diferentes grupos étnicos e autóctones, intermediados pelos vários elementos de sua “mise en scene” na cidade, conforme evidencia em relação aos empreendimentos comerciais chineses, em Paris (Ma Mung, 1998).

Apesar das articulações propostas por Tarrius – entre os pequenos empreendimentos econômicos, territorialidades e identidades – também indicarem, em sentido similar ao proposto por Ma Mung uma negociação (material e simbólica) entre os diferentes “nós” nos contextos urbanos de destino. Sendo, nesse sentido, o

²⁹ O termo enclave étnico se constitui em diálogo direto com as com as teorias norte-americanas – emergentes no final da década de 1970 a partir dos trabalhos pioneiros de Averitt (1968) e Galbraith (1971) – sobre a formação de uma economia dual que dividiria o mercado de trabalho entre um setor primário e um secundário. Nesse contexto, o enclave seria uma terceira segmentação. “O enclave étnico é entendido como um segmento da economia mais ampla, uma estrutura econômica parcialmente autônoma constitutiva de um mercado de trabalho distinto. A economia de enclave, bem como seu mercado de trabalho, é estruturada de um jeito similar a economia mais ampla, mas funciona no sentido de dar suporte aos empreendimentos étnico e ajudá-los a competir de maneira mais bem sucedida no sistema econômico mais amplo” (ZHOU, 1992:4, tradução própria). Ver também: BAILEY & WALDINGER, 1991 e PORTES & JENSEN, 1987.

³⁰ “Eu gostaria, neste artigo, de evocar a hipótese de existência de outro fenômeno, em que as mobilidades coletivas e a aparição de novas relações sociais precedem a iniciativa econômica e referem-se mais a uma nova forma de ser coletivamente no mundo do que a uma forma de exprimir à margem um processo econômico universal” (TARRIUS, 2005:22, tradução própria).

³¹ De acordo com Ma Mung (1999, 2009), a autonomia, questão central em suas pesquisas, se desdobra, inextricavelmente, em dois sentidos: de diferenciação (*savoir faire*, “saber fazer”) e de iniciativa (*pouvoir faire*, “poder fazer”).

³² “A existência de populações de origem estrangeira sobre o território nacional leva ao desenvolvimento de processos de negociação da presença dessa população. Mas essa negociação concerne menos a sua presença efetiva (...) do que as formas dessa presença. (...). Como o que define e assinala a presença desses grupos é a sua identidade étnica, as negociações e as transações concernem às identidades: dos grupos, mas também, como veremos, das sociedades de acolhimento” (MA MUNG, 1999 : 196, tradução própria).

conceito de “território circulatório” expressão territorial dessas demarcações constituídas pela circulação dos grupos migrantes³³. Para Tarrius diferentemente dos “mundos migratórios” propostos por Ma Mung, estariam em jogo espaços muito mais fluídos de transações, compostos por: “múltiplas combinações entre *etapa e circulação*”, “*produções identitárias* para além das clássicas referências sedentário/localizadas”, “*a realidade*” e “o papel de uma *memória coletiva extensiva*” ligada tanto aos *momentos* de múltiplas negociações, como aos *espaços* que as suportam (TARRIUS, 2005:28, tradução própria).

Nesse sentido, apesar dos “territórios circulatórios” propostos por Tarrius indicarem uma forma de integração nas sociedades de destino, não se trata mais, do ponto de vista identitário, da dicotomia proposta pela Escola de Chicago entre ser “daqui” ou “de lá” – essas novas espacialidades constituídas nos percursos e arranjos de comunidades migrantes possibilitariam a emergência de um novo processo de estabelecimento de identidades em que se torna possível ser “daqui e de lá” ao mesmo tempo. As identidades constituídas a partir desses “momentos de negociação” com os vários “outros” – presentes concomitantemente no espaço urbano e, em muitos sentidos, diretamente vinculados às atividades econômicas em jogo seriam, portanto, para Tarrius, diferentemente do sentido proposto por Ma Mung, construções bem mais precárias e cambiantes: uma identidade “fracionada em múltiplos atributos”³⁴ e não necessariamente ligada a um grupo étnico específico.

Dessa forma, ao invés da metáfora da cidade segregada em espaços/territórios minuciosamente delimitados no interior dos quais comunidades de imigrantes específicas desenvolvem contatos primários em torno de suas culturas de origem, da análise sociológica/antropológica de Tarrius emerge uma cidade multifacetada, em que os territórios circulatórios, ligados a atividades econômicas específicas, se sobrepõem e extrapolam os espaços sedentários/autóctones da cidade e cujas comunidades de imigrantes envolvidas conformam suas identidades, assim como os outros cidadãos urbanos, a partir de contatos secundários, cujas regras e hierarquias específicas se sedimentam ao longo do tempo nas negociações cotidianas em torno da circulação dessas populações e para a realização de suas atividades econômicas.

³³ Para Tarrius (2005:34, tradução própria), o conceito de «território circulatório» remete a uma territorialidade que se constitui em torno da circulação de uma população - “Esses territórios, a partir do momento que englobam redes definidas pelas mobilidades de populações que apresentam o estatuto de saber circular por tais espaços, nós os denominamos territórios circulatórios”. Note-se que, na perspectiva de Tarrius, o conceito de «território» parte justamente de uma demarcação, expressão de um grupo/comunidade/coletivo – “No mínimo, diremos que o território é uma construção concomitante à emergência e, depois, à visibilidade social de um grupo, de uma comunidade ou de outros tipos de coletivo em que os membros podem utilizar um “nós” identificador. Ele é condição e expressão do vínculo social. Ele se constitui como momento de uma negociação, entre a população concernida e os que a rodeiam, que instaura continuidades nas trocas generalizadas. O território é memória. É marcação espacial da consciência histórica de estar junto” (TARRIUS, 2005:34, tradução própria).

³⁴ (...) nessas reconfigurações de posição e que exprimem as competências para atravessar universos de normas diferenciados: nessas novas proximidades, passageiras e parciais em sua gênese que permitem aos indivíduos ultrapassar, por exemplo, as atribuições étnicas, forjar sólidas alianças em torno de uma única troca de palavras, provenientes de múltiplas diversidades de crenças, de convicções, de costumes, a identidade se fraciona em múltiplos atributos” (TARRIUS, 2005:29, tradução e grifos próprios).

Considerações Finais

Nós queremos levar a sério as narrações que as populações móveis fazem dos seus percursos e que ligam o « aqui », onde elas estão atualmente, ao « lá », de onde vieram e retornam sem cessar, um entre dois, que nunca se extingue, entre as duas pontas das trajetórias, que dizem *projeto* lá onde nós vemos *exílio*, *circulação*, lá onde nós exigimos *fixação*, *enraizamento*. Nossa curiosidade não consiste em saber se esse outro, que fica ou que passa, é mais ou menos estrangeiro, mais ou menos objeto para nós, mas sabendo que ele é Outro, ver, enfim, revelar, o que ele produz, a partir de sua diferença entre seus lugares e os nossos (TARRIUS, 2005:43, tradução própria).

O debate europeu sobre os “novos fluxos migratórios” e, especialmente, a perspectiva analítica desenvolvida por Alain Tarrius e seu conceito de “território circulatório”, esboçados na seção anterior, constituem ferramentas analíticas proficuas para a abordagem dos arranjos e territorialidades que se estabelecem na circulação migratória de bolivianos – e, atualmente, de peruanos e paraguaios – em torno das atividades das oficinas de costura na cidade de São Paulo.

Em tais abordagens destaca-se a conformação de novas articulações e arranjos a partir de processos interativos e de influências recíprocas. Com a formação de uma síntese que não se encontra totalmente nem nas dinâmicas pré-existentes nas sociedades de destino, nem nas heranças das sociedades de origem³⁵. Entretanto, os lugares de origem e os de passagem permanecem importantes e ativos nas formas de inserção nos lugares de destino – e, em muitos casos, como no boliviano, predominantemente, a partir das cadeias migratórias que se estabelecem em torno das relações de parentesco.

Nesse sentido, no caso das migrações bolivianas, interessa destacar, tendo em vista os estudos realizados diretamente nas regiões de origem (CORTES, 2004; SPEEDING, 2003; ÁVILA, 2006; QUIROGA, 2007) que a migração, em si, já se constitui enquanto *ação coletiva*: tanto no sentido de envolver muitas pessoas em torno do projeto migratório (uma rede familiar extensa e agregados)³⁶, quanto no de se constituir como principal estratégia de manutenção e reprodução dos lugares de origem³⁷. Especificamente, no caso dos fluxos migratórios de bolivianos ligados ao setor de confecção na cidade de São Paulo, uma das formas mais comuns de inserção inicial no circuito, se daria também a partir dos lugares de origem – principalmente, a partir dos agenciadores de trabalho e dos cursos profissionalizantes de costura nos

³⁵ “Se estas populações transmitem um ‘patrimônio migratório’, não se trata de uma reprodução pura e simples das culturas de origem específicas a cada componente. Existe a construção de uma nova cultura da mobilidade que, ao mesmo tempo, que faz emergir novas redes, coloca em jogo novas formas de mobilidade, econômicas, culturais, profissionais, que não se reduzem à mobilidade espacial” (TARRIUS, 2005:26, tradução própria).

³⁶ “La familia boliviana, y en especial la familia urbana cochabambina, conforman lo que se conoce como ‘familia extendida’, es decir, papa y/o mamá, hijos e hijas que viven bajo el mismo techo, y que en alguns casos reciben el apoyo económico, vivienda, apoyo en el cuidado de los hijos, etc, de otros familiares, como abuelos, tios, parientes políticos, etc. Además del apoyo material y simbólico, es muy común la participación del conglomerado familiar en la dinámica micro familiar (...). Existen, además, otros agentes que influyen en las decisiones familiares, como los padrinos que en ciertos estratos sociales incluso se convierten en referentes morales” (QUIROGA, 2007: 10-11).

³⁷ “En la región de Cochabamba, los campesinos se organizan para migrar, tal y como lo hacen para producir, alimentarse, vivir, etc. Las familias se prestan entre ellas, cooperan, se van, vuelven, es decir, crean un sistema socioeconómico que constituye la base del proceso migratorio” (CORTES, 2004:163).

locais de origem, bem como das relações de parentesco (BUECHLER, 2003; FREIRE, 2008; FREITAS, 2009; KADLUBA, 2007, SILVA, 1997 e 2006).

Entretanto, apesar da importância desses *arranjos e estratégias de sobrevivência/mobilidade sócio-econômica das famílias bolivianas*, estabelecidos a partir de seus locais de origem, para a compreensão de suas formas de inserção no setor de confeccção da cidade de São Paulo, a literatura européia consultada nos chama atenção para a necessidade de considerar concomitantemente os “momentos de negociações” que se estabelecem na medida em que esses migrantes se põem em movimento e começam a realizar suas atividades em torno do setor de confeccção no contexto urbano paulistano e por entre suas fronteiras. Nessas novas circunstâncias, que incluem, principalmente, o contato com o “outro” (os autóctones e migrantes de outras nacionalidades) essa “herança” dos locais de origem é re-configurada constituindo formas de sociabilidade e organização das atividades econômicas que apesar de não serem completamente novas são fruto de ajustes que se estabelecem nos contextos relacionais.

Pois seriam, justamente, esses momentos ou “espaços tempos” de negociações³⁸, sedimentados na memória coletiva, que organizariam os lugares/espaços (suportes dos deslocamentos) e exprimiriam a “forma das transações”³⁹ que descrevem “o papel e o interesse do vínculo, a princípio metafórico, entre os acordos de palavra, as modalidades de entrada e saída das redes de economia subterrânea, a aparição de novas relações sociais e as bases originais de novas afirmações identitárias que lhes sustentam” (TARRIUS, 2005:28, tradução própria).

Na abordagem proposta por Tarrius, portanto, a dimensão temporal adquire centralidade – as espacialidades encontrar-se-iam, inclusive, completamente subordinadas aos “fluxos”, “tempos”, “ritmos” e “sequências”⁴⁰. Nesse sentido, em suas análises para a delimitação dos territórios circulatórios (TARRIUS, 2009:51), propõe a articulação de três camadas de temporalidades em torno da ação econômica/circulatória das comunidades: a) a das *trajetórias individuais*, presentes nas histórias de vida - “que permitem compreender os tempos das aquisições dos saberes, das competências, das mudanças”; b) a das *trajetórias intergeracionais* (ligada à história dos próprios empreendimentos econômicos, dos lugares, das famílias) e, c) os *trajetos e ritmos cotidianos* (das atividades repetitivas; dos eventos de sociabilidade).

Tendo em vista as considerações acima, a pesquisa de doutorado em andamento no âmbito do projeto temático Observatório das Migrações, procurará responder as seguintes indagações sobre as atividades de bolivianos – e, secundariamente, de paraguaios e peruanos – em torno do setor de confeccção da cidade de São Paulo: Quais são os momentos chave de articulações/negociações (entre diferentes) de identidades e territorialidades, para o funcionamento das oficinas (em termos de mobilização de espaços, meios de produção, mercadorias de manutenção e força de trabalho), na cidade de São Paulo, e nos lugares de origem na

³⁸ (...) cada um, no interior desses novos espaços-tempos da circulação, desenvolve a capacidade, nos lugares e momentos precisos, nas « situações chave », em suma, de encontrar o outro, o diferente, como idêntico, de negociar, brincar, contornar as expressões, estas sim, múltiplas, das diferenças (TARRIUS, 2005:30, tradução própria).

³⁹ Existe um aspecto interessante nessa perspectiva e que irá aparecer com mais clareza no trabalho etnográfico a ser realizado, diz respeito ao conceito de “formas”, formas de sociabilidade. Um conceito que, nos autores estudados até o momento, remetem às proposições de Simmel.

⁴⁰ Afastando-se, portanto, das abordagens espaciais em que o tempo, reduzido à duração, aparece enquanto um atributo do espaço – restando, apenas, a realização de um compêndio descritivo das formas de deslocamento espaciais.

Bolívia? Qual a história de negociações em torno desses “momentos chave” e as territorialidades mobilizadas? Como esses “momentos chave” aparecem nas três formas de temporalidade propostas por Tarrius (dos ritmos cotidianos, das trajetórias individuais e intergeracionais)? Em relação aos ritmos cotidianos, quais as “formas de sociabilidade” que emergem desses “momentos chave” de negociação entre diferentes?

Referências

ALBA, R & NEE, V. “Rethinking assimilation theory for a new era of immigration”. **International Migration Review**, n. 31, pp.826-74, 1997.

AUTANT – DORIER, Claire. Saisir les identites en mouvement : parenté et histoires de familles turques en migration. **Revue Européenne des Migrations Internationales**, v. 25, n.3, p.133-151, 2009.

ARANGO, Joaquim. **Explaining Migration: a critical view**. Unesco. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

ASSIS, Gláucia de Oliveira & SASAKI, Elisa Massae. Novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In: CASTRO, Mary Garcia (coord.). **Migrações internacionais – contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001, p. 615 – 639.

AZEVEDO, Flávio Antônio Gomes. **A presença de trabalho forçado na cidade de São Paulo – Brasil/Bolívia**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Economia e Administração da USP (FEA/USP), 2005.

BASSEGIO, Luiz. A imigração latino – americana para o Brasil: o caso dos bolivianos em São Paulo. **Cadernos do CEAS**, n. 214, p. 51-59, 2004.

BAILEY, Thomas & WALDINGER, Roger. “Primary, Secondary and Enclave Labor Markets: a training systems approach”. **American Sociological Review**, v. 56, n. 4, p. 432 – 445, agosto de 1991.

BUECHLER, Simone. **Sweating it in the Brazilian Garment Industry: Bolivian workers and global economic forces in São Paulo**. Nova Iorque: Metropolitan Studies, New York University, 2003. [paper disponível no Centro de Estudos Migratórios – CEM de São Paulo, no qual havia indicação de publicação futura na revista “Latin American Perspectives”, 2004].

CORTES, Geneviève. **Partir para quedarse – supervivencia y cambio en las sociedades campesinas andinas (Bolívia)**. Equador: Plural Editores, 2004.

CORTES, Geneviève & FARET, Laurent (dirs). **Les circulations transnationales – lire les turbulences migratoires contemporaines**. Paris : Armand Colin, 2009.

CEPAL/CELADE/OIM (Comisión Económica para América Latina y el Caribe/Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía/ Organización Internacional para las

Migraciones). **Un Examen de la Migración Internacional en la Comunidad Andina** – Proyecto Sistema de Información sobre Migración Internacional en los Países de la Comunidad Andina (SIMICA). Santiago do Chile, 1999.

COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Papirus, Campinas – SP, 1995.

CYMBALISTA & XAVIER. A Comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade. **Papers Anpocs**. Caxambú: Anpocs, 2007.

FERRETI, Maritza. Direitos humanos e imigrantes. In: SALES, Teresa e SALLES, Maria do Rosário T. (orgs). **Políticas Migratórias** – América Latina, Brasil e brasileiros no exterior. São Carlos: EdUFSCar e Editora Sumaré, 2002, p. 139 – 146.

FREIRE, Carlos. **Trabalho informal e redes de subcontratação**: dinâmicas urbanas da indústria de confeccções em São Paulo. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de Sociologia - FFLCH/USP, 2008.

FREITAS, Patrícia T. **Imigração e Experiência Social**: o circuito de subcontratação transnacional de força-de-trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Campinas: Departamento de Sociologia - IFCH/Unicamp, 2009.

FREITAS, Patrícia Tavares & BAENINGER, Rosana. Imigração e Trabalho – determinantes históricas da formação de um circuito de subcontratação de imigrantes bolivianos para o trabalho em oficinas de costura na cidade. In: BAENINGER, Rosana (org). **População e cidades**: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais. São Paulo: UNFPA, 2010.

GALETTI, Roseli. Migração de estrangeiros no centro de São Paulo: coreanos e bolivianos. In: PATARRA, N. (Coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil Contemporâneo**. Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil, v. 1. Campinas: Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP), 1995, p. 133-143.

GREEN, Nancy L. “The Comparative Method and Poststructural Structuralism: new perspectives for migration studies”. In: LUCASSEN, J. & LUCASSE, L. (eds). **Migration, Migration History, History** – old paradigms and new perspectives. Berne: Peter Lang A. G, 1999.

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON-BLANC, Cristina. “Towards Transnational Perspective on Migration”. **Annals of the New York Academy of Sciences**, Nova Iorque, vol.645, 1992.

JOSEPH, Isaac & GRAFMEYER, Yves (orgs). **L'École de Chicago** – naissance de l'écologie urbaine. Champs Essais, Flammarion :Paris,2009.

KADLUBA, Ruth Camacho. **A imigração na cidade de São Paulo** – integração dos imigrantes na cidade como forma de combate à pobreza – URB AL Rede 10. São Paulo: Secretaria Especial para Participação e Parceria, Instituto Uniemp – Fórum Permanente das Relações Universidade /Empresa e Comunidade Européia, 2007.

KLOSTERMAN, R.; J. VAN DER LEUN & J. RATH “Mixed embeddedness: (in) formal Economic Activities and Immigrant business in Netherlands”. **International Journal of Urban and Regional Research**, 1999, 23 (2), Junho, pp. 253 – 267.

MA MUNG, Emmanuel. Dispositif économique et ressources spatiales : éléments d’une économie de diaspora. **Revue Européenne des Migrations Internationales**, v.8,n.3, p. 175-193, 1992.

MA MUNG, Emmanuel. Entreprise économique et appartenance ethnique. **Revue Européenne des Migrations Internationales**, v. 12, n. 2, p. 211-233, 1996.

MA MUNG, Emmanuel. Territorialisation marchande et négociation des identités : les Chinois à Paris. **Espaces et Sociétés**. n°95, pp. 145-162, 1998.

MA MUNG, Emmanuel. **Autonomie, Migrations et Altérité**. HDR de Géographie. Poitiers : Université de Poitiers,1999.

MA MUNG, Emmanuel. Le point de vue de l’ autonomie dans l’étude des migrations internationales: penser de l’ intérieur les phénomènes de mobilité. In: DUREAU, François et HILY, Marie Antoniette. Les mondes de la mobilité. Rennes: Presses Univertiaire de Rennes, 2009, p.25 – 38.

MORAWSKA, Ewa. The Sociology and Historiography of immigration. In: C TILLY, V YANS-McLAUGHLIN. **Immigration reconsidered** – History, Sociology and Politics. Oxford: Oxford University Press, 1990.

MOROKAVASIC - MULLER, Mirjana. **The underside of fashion: immigrants in the parisian garment industry**. Universidade da Califórnia, Los Angeles, 1990. (paper apresentado no Institute for Social Science Ressearch).

MOROKAVASIC - MULLER, Mirjana. “La mobilité transnationale comme ressource: le cas des migrants de l’Europe de l’Est”. **Cultures et Conflits**, n° 33 – 34, 1999:105 – 122. (<http://www.conflits.org>).

PARK, Robert Ezra. La ville. Propositions de Recherche sur Le comportement humain em milieu urbain. In : JOSEPH, Isaac & GRAFMEYER, Yves (orgs). **L’École de Chicago** – naissance de l’écologie urbaine. Champs Essais, Flammarion :Paris,2009, p. 83 – 130.

PATARRA, N. & BAENINGER, R. Migrações Internacionais recentes – o caso do Brasil. In: _____ (coord.). **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo**. Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil, v. 1. Campinas: Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP), 1996, p.78-87.

PEREIRA, V. Vacaflares. **Migración interna en Bolívia** – causas y consecuencias (1985 – 2000). La Paz: CEF – Plural Editor, 2004.

PORTES, A & SASSEN – KOOB, Saskia. Making it underground: comparative material on the informal sector in western market economies. **American Journal of Sociology**, p.30-61, 1987.

PORTES, A. The enclave and the entrants: patterns of ethnic enterprise in Miami before and after Mariel. **American Sociological Review**, 54, 1989, pag. 929-49.

PORTES, Alejandro. “Economic sociology and sociology of immigration: a conceptual overview”. In: _____ (org). **Economic sociology of immigration: essays on networks, ethnicity and entrepreneurship**. Nova Iorque: Russel Sage Foundation, 1995.

PORTES, Alejandro. “La mondialisation par le bas – l’émergence des communautés transnationales”. **Actes de la Recherche en Science Sociales**, n. 129, pp. 15 – 25, setembro de 1999.

POTOT, Swanie. **Circulation et reseaux de migrants roumains – une contribution a l’étude des nouvelles mobilités en Europe**, 2003 (tese de doutorado realizada pela Université de Nice – Sophia Antipolis).

SIMON, Gildas, Migrations, la spatialisation du regard . **Revue européenne des migrations internationales** [En ligne], vol. 22 - n°2 | 2006, mis en ligne le 01 juin 2009. URL : [http:// remi.revues.org/index2815.html](http://remi.revues.org/index2815.html)

SALA, Gabriela Adriana. **Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil**. Tese de Doutorado apresentada no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, da Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

SALES, Teresa e SALLES, Maria do Rosário T. (orgs). **Políticas Migratórias – América Latina, Brasil e brasileiros no exterior**. São Carlos: EdUFSCar e Editora Sumaré, 2002.

SILVA, Sidney A. **Costurando sonhos – trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo**. São Paulo: Paulinas, 1997.

SILVA, Sidney. Costureiros hoje, “oficinistas” amanhã? Indagações sobre a questão da mobilidade econômica e social entre os imigrantes bolivianos em São Paulo. **Anais do Encontro Nacional sobre Migração, 1997**. Curitiba, 1998, p. 383-394.

SILVA, Sidney A. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, p.157-170, 2006.

ÁVILA, Leonardo de La Torre Ávila. **No llores prenda, pronto volveré – migración, movilidad social, herida familiar y desarrollo**. La Paz: Fundación PIEB, IFEA, UCB, 2006.

TEJCH, Daniel H. & CASTELLON, Lena. Trabalhadores se oferecem na praça, como escravos. **O Globo**, São Paulo, domingo, 13 de dezembro de 1992.

TARRIUS, Alain. “Territoires circulatoires et espaces urbains: différenciation des groupes migrants”. **Les Annales de la Recherche Urbaine**, n° 59/60, 1993: 50-59, 1993.

TARRIUS, Alain. **La mondialisation par le bas** – les nouveaux nômades de l'économie souterraine. Paris: Éditions Balland, 2002.

TARRIUS, Alain. Le lien social fort comme préalable à la réussite économique – initiatives des migrants entrepreneurs des économies souterraines internationales : parcours, étapes, transactions commerciales. In: MULLER, L. et TAPIA, S. de. **Un dynamisme venu d'ailleurs: la création d'entreprises par les immigrés**. Paris : L' Harmattan, 2005, p. 21 – 51.

TARRIUS, Alain. Intérêt et faisabilité de l'approche des territoires des circulations transnationales. In : CORTES, Geneviève & FARET, Laurent (dirs). **Les circulations transnationales** – lire les turbulences migratoires contemporaines. Paris : Aarmand Colin, 2009, p. 43-51.

WIRTH, Louis. **The Ghetto**. University of Chicago Press: Chicago, 1964.

WIRTH, Louis. Le phénomène urbain comme mode de vie. In : JOSEPH, Isaac & GRAFMEYER, Yves (orgs). **L'École de Chicago** – naissance de l'écologie urbaine. Champs Essais, Flammarion :Paris,2009, p. 255-281.

ZHOU, MIN. **Chinatown – the socio economic potential of an urban enclave**. Filadélfia: Temple University Press, 1992.